



E que venham os dragões! Juntas resistiremos!¹

Come the dragons! Together we will resist!

Odja Barros*

Resumo: Este artigo oferece uma reflexão sobre a imagem da mulher e do dragão de Apocalipse 12. A partir da visão da interpretação bíblica feminista, busca relacionar os contextos de perseguição e opressão vivenciados na época do Apocalipse com os atuais contextos de opressão e violência vivenciados no Brasil e na América Latina, destacando as mulheres como símbolo de resistência. O texto pretende contribuir para o fortalecimento dos movimentos de resistência de mulheres nos atuais cenários brasileiros e latino-americanos.

Palavras-chave: Interpretação bíblica feminista. Apocalipse. Mulheres. Lutas de resistência.

Abstract: The present article offers a reflection on the image of the woman and the dragon of Revelation 12. From the perspective of feminist biblical interpretation, it seeks to relate the context of persecution and oppression experienced at the time of Book of Revelation to the present contexts of oppression and violence experienced in Brazil and Latin America, highlighting women as a symbol of resistance. It intends to contribute to the strengthening of the resistance movements of women in the current Brazilian and Latin American scenarios.

Keywords: Feminist biblical interpretation. Revelation. Women. Resistance struggles.

Apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida e gritava de dor, pois estava para dar à luz. Então apareceu no céu outro sinal: um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, tendo sobre as cabeças sete coroas.

(Apocalipse 12:1-3)

¹ Esta é uma versão ampliada da reflexão apresentada em 21 de abril de 2018 no marco de lançamento da Rede de Teólogas, Pastoras, Ativistas e Líderes Cristãs (Tepali).

* Pastora da Igreja Batista do Pinheiro em Maceió desde 1993, doutoranda em Teologia pela Faculdades EST. Assessora em Leitura Popular e Feminista da Bíblia pelo Centro de Estudos Bíblicos (Cebi), membro da junta diretiva do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI continental) e membro do Observatório e Fórum Permanente de Gênero da Aliança de Batistas do Brasil e umas das articuladoras da Tepali no Brasil. Contato: odjabarros@hotmail.com

A mulher, símbolo de resistência

A visão de Apocalipse 12 remete a uma mulher que geme e se retorce em suas dores de parto enquanto procura fugir de um monstruoso dragão. O drama se desenrola em clima de horror e desespero. Ela corre, grita, se esconde e o dragão continua perseguindo-a, buscando devorar o filho que ela está prestes a parir. Se fôssemos escrever o apocalipse hoje, a imagem da mulher e da criança perseguida pelo dragão continuaria sendo apropriada para descrever a correlação de forças desiguais e para representar os corpos mais ameaçados pela ira dos dragões de ontem e de hoje. De muitas formas, esta imagem corresponde a experiência que estamos vivendo no Brasil e na América Latina. A violência e a injustiça arrebatam nossos corpos diariamente.

Essa é uma das visões centrais do livro do Apocalipse. Está bem no meio do livro e faz parte do chamado livro da profecia das comunidades, parte central que denuncia a violenta perseguição desencadeada pelo império romano contra as comunidades que resistiam e enfrentavam a fúria do dragão faminto de morte e de sangue. Essa visão representa uma luta desigual. O império é representado pelo dragão faminto perseguindo a mulher grávida, prestes a dar à luz, que é a representação das comunidades perseguidas. Quais as possibilidades de que essa mulher tem de resistir ou vencer o dragão? É assim que muitas de nós nos sentimos diante do poder violento e opressor que parece sempre se vestir com novas roupas e reaparecer sempre mais forte e invencível.

A violência tornou-se uma dimensão incontornável da realidade que vivemos no Brasil e na América Latina, atingindo principalmente os corpos das mulheres, os grupos e comunidades mais empobrecidos e vulnerabilizados, gerando medo e perplexidade. O retrato da violência de hoje é tão assustador quanto era na época do livro de Apocalipse. A violência e o poder do mal parecem só mudar de nome e endereço, mas continuam com a mesma fúria de poder, destruição e morte. A mulher e a criança, na visão do capítulo 12 do Apocalipse, querem representar fragilidade e força ao mesmo tempo. Na aparente fragilidade esconde-se a força da resistência. Assim como na visão, a luta é contínua e permanente. Somos e continuamos sendo ameaçadas; o dragão não desiste! No entanto, resistimos! Juntas somos capazes de construir resistências que ameaçam o poder dos dragões. Os corpos perseguidos estão sempre celebrando as pequenas vitórias e antecipando a destruição e vitória final contra o dragão. E que venham os dragões! Juntas resistiremos!

Dandara dos Palmares: uma história de resistência

“prefiro a morte a voltar à escravidão.”

Entre as muitas histórias de resistência no Brasil e na América e América Latina está a dos Quilombos. A história de escravidão negra no Brasil durou por quase quatro séculos, e por

quase quatro séculos também houve resistência. A forma mais conhecida dessa resistência eram os quilombos, que representavam a consolidação material da resistência do povo negro à escravidão. Eram aldeias ou comunidades onde moravam muitos negros e negras foragidos e alguns brancos, também foragidos, que recebiam acolhida e serviam de reduto para receberem mais escravos que fugiam das fazendas a partir dos ataques que os quilombolas realizavam para libertar seus irmãos e irmãs negros e negras. No Brasil, existiram quilombos em todas as regiões. O mais conhecido foi Palmares, que abrangeu parte de diversos estados do Nordeste, durou mais de 100 anos e teve mais de 20 mil habitantes, por isso não foi fácil vencê-lo, levando a elite escravocrata até a negociar com seus líderes (o pacto de paz com Ganga-Zumba, rei de Palmares), ao qual Zumbi, seu líder máximo, foi contrário.

Dandara dos Palmares foi a liderança mais conhecida na história do Quilombo dos Palmares. Quando os primeiros negros se rebelaram contra a escravidão no Brasil e formaram o quilombo, na Serra da Barriga, em Alagoas, Dandara estava com Ganga-Zumba. Participou de todos os ataques e defesas da resistência palmarina. Na condição de liderança, Dandara chegou a questionar os termos do tratado de paz assinado por Ganga-Zumba e pelo governo português. Posicionando-se contrariamente ao tratado, opôs-se a Ganga-Zumba, ao lado de Zumbi, seu esposo. Não há registros do local do seu nascimento, tampouco da sua ascendência africana. Relatos levam a crer que nasceu no Brasil e estabeleceu-se no Quilombo dos Palmares ainda menina. Plantava como todos, trabalhava na produção da farinha de mandioca, aprendeu a caçar, mas também aprendeu a lutar capoeira, empunhar armas e, quando adulta, a liderar as falanges femininas do exército negro palmarino.

Dandara não negociava seus ideais de liberdade por nada. Por isso, foi contrária ao “acordo de paz” proposto pelo governo português, que previa que as autoridades libertassem os escravos palmarinos que haviam sido feitos prisioneiros em um dos confrontos e, também, a liberdade dos nascidos em Palmares, além de permissão para realizar comércio. Em troca, a partir dali os habitantes do quilombo deveriam entregar escravos fugitivos que buscassem abrigo.

Dandara preferiu a resistência e a guerra pela liberdade de todo seu povo, pois via no acordo a destruição da República de Palmares e a volta à escravidão. Dandara foi morta com outros quilombolas em 6 de fevereiro de 1694, após a destruição da Cerca Real dos Macacos, que fazia parte do Quilombo de Palmares. Conta a lenda que Dandara se jogou de uma pedra direta para um abismo, pois dizia: “Prefiro a morte a voltar a escravidão!”²

Sobre “dragões” de ontem e de hoje

² Cf. “Personalidades negras”. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=33387>>. Acesso em: 14 nov. 2018. Cf. também: HENRIQUE, Kleber. “A face feminina de Palmares”. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dandara-a-face-feminina-de-palmares/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.



*“Apesar de você amanhã há de ser outro dia!
Inda pago pra ver o jardim florescer qual você não queria...”*

(Chico Buarque de Holanda “Apesar de Você”)

Numa época em que a liberdade de expressão era negada, em que a censura mantinha vigilância sobre tudo que era escrito, falado ou cantado, nada mais criativo do que evocar as mensagens de denúncia codificadas nas músicas e poemas. Foi isso o que aconteceu durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). As músicas “Apesar de você”, “Afasta de mim esse cálice”, “O bêbado e o equilibrista”, “Mosca na sopa”, “Caminhando e cantando”, “Alegria, alegria” e tantas outras foram canções que denunciavam a perseguição, a tortura, para incentivar a resistência e cantar a esperança. Usando uma linguagem simbólica em forma de códigos não compreensíveis para os opressores, as canções da música popular brasileira fortaleciam os movimentos que resistiam a um regime que perseguia os corpos, movimentos que resistiam e insistiam em cantar a liberdade.

As mulheres sempre estiveram presentes nos movimentos de contestação e mobilizações ao longo da nossa história. No período ditatorial não foi diferente. Elas resistiram de muitas formas: organizaram-se em clubes de mães, associações, comunidades eclesiais de base, em movimentos contra o custo de vida e por creches. Desafiando os “modelos tradicionais”, participaram do movimento estudantil, partidos, sindicatos. Também pegaram em armas na tentativa de derrubar o regime militar. Foram duramente reprimidas. Foram elas ainda que iniciaram o movimento pela anistia.

As mulheres foram fundamentais no combate ao regime em todas as suas fases. Seu engajamento nos movimentos pela anistia dos presos políticos, que muitas vezes culminaram com passeatas exclusivamente de mulheres, são a parte mais conhecida dessa militância. Mas, nas organizações de luta e resistência contra a ditadura, elas também foram importantes. Abrigavam militantes, traduziam jornais comunistas estrangeiros, participavam das ações mais perigosas e arriscadas. Eram dirigentes de organizações clandestinas. “Era preciso que houvesse uma mulher em cada esconderijo, para manter a aparência de uma casa normal”, afirma Glenda. Elas também agregavam uma faceta afetiva e familiar às organizações. Muitas foram mães na clandestinidade ou na cadeia. Na descrição feita pela psicóloga argentina, naturalizada brasileira, Maria Cristina Ocariz, a mulher militante parece a expressão viva da frase do revolucionário argentino Ernesto Che Guevara: *“Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás”*. “Elas tinham a mesma garra que os homens. Perdiam companheiros assassinados pelo regime e, ainda assim, seguiam

na luta, não por frieza, mas por convicção ideológica de poder construir um mundo melhor para seus filhos.”³

Mulheres: corpos que lutam e resistem

Amélia Teles, Ana Maria Aratangy e Criméia de Almeida são algumas das mulheres que resistiram à ditadura no Brasil e sofreram em seus corpos a fúria do “dragão”. No livro intitulado *Luta, substantivo feminino*, publicado em 2010 pelas Secretaria de Direitos Humanos, encontram-se relatos de mulheres que sofreram e lutaram durante o período militar. Seus corpos foram torturados para punir e reprimir a força da resistência. “A primeira coisa que eles fizeram quando entrei na sala de depoimento foi me mandar tirar a roupa, eu já fiquei apavorada”, afirma Ana Maria Aratangy, de 66 anos. “Eu não esperava por aquilo. Eu mesma fui tirando a roupa, achei que era melhor do que deixá-los arrancar. Acho que foi pior do que as torturas que vieram depois”.⁴

Ana Maria era membro do Partido Operário Comunista (POC) quando foi presa, aos 24 anos, e estava grávida de algumas semanas, mas não sabia. Estudante do sexto ano de medicina, afirma que sua militância era tímida, guardava duas armas em casa e tinha leituras consideradas subversivas. Sequer conhecia os líderes do POC. Até por isso não teve muito a dizer quando vieram os choques nos mamilos e os tapas no rosto. Tampouco pôde conter os gritos. Enquanto gritava, sua mãe, que havia sido presa junto, ouvia da sala ao lado. Ana Maria só saiu da prisão aos cinco meses de gestação”.⁵

Também presa aos seis meses de gestação, Criméia de Almeida, de 67 anos, conseguiu manter seu filho na barriga a despeito das torturas. Quando a bolsa estourou, na cela solitária que ocupava em uma carceragem do exército em Brasília, dezenas de baratas que habitavam o lugar começaram a subir por suas pernas, alvoroçadas por se alimentar do líquido amniótico. Embora pedisse ajuda, teve de esperar horas até ser transferida a um hospital. Lá, a ex-guerrilheira do Araguaia, que havia trabalhado como parteira na Amazônia, teve as pernas e os braços amarrados. “Quando o bebê nasceu, já o levaram para longe de mim. E o médico me costurou sem anestesia, eu gritava de dor. Daí passaram a usar meu filho para me torturar. Passavam dois dias sem trazê-lo para mamar. Quando ele vinha, estava com soluço, magro, morto de fome”, afirma Criméia.⁶

³ MERLINO, Tatiana; OJEDA, Igor. (orgs). *Direito à memória e à verdade: luta, substantivo feminino*. São Paulo: Caros Amigos, 2010. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/dados/livros/dh/livro_sedh_mulheres_ditadura.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2018.

⁴ MERLINO; OJEDA, 2010, p. 51.

⁵ MERLINO; OJEDA, 2010, p. 52.

⁶ MERLINO; OJEDA, 2010, p.54.

O que fazer diante da violência dos poderes opressores? Render-se ou resistir, ainda que custe a própria vida? A visão da luta da mulher e do dragão não apresenta uma esperança romântica. A mulher foge, luta, se esconde, escapa para proteger a vida e o projeto de resistência que ela carrega e representa. O dragão, que tem fome de morte, persegue e mata. O sangue dos inocentes grita denunciando a violência do poder que mata, como forma de divulgar o medo e inibir as tentativas de insurreições. Mas a memória das testemunhas fiéis que não amaram mais a própria vida do que a luta serve de força e alimenta a resistência dos corpos, que estão dispostos a enfrentar o “dragão”. Celebremos a memória dos corpos das mulheres torturadas na ditadura militar no Brasil. Celebremos todas as mulheres que sofreram e ainda sofrem torturas diárias no enfrentamento da fúria de “dragões” que ameaçam, com sua fúria, todo o continente latino-americano.

Apocalipse: uma memória de resistência

A mensagem do livro do Apocalipse é transmitida num clima litúrgico, místico, celebrativo. O livro se desenvolve numa estrutura litúrgica que conduz ao louvor e à celebração das pequenas vitórias da vida sobre a morte. Permite celebrar a teimosia da vida que não deixa que a morte tenha a última palavra. Celebrar a memória daqueles e daquelas martirizadas, celebrar a memória do ressuscitado e, nessa memória, alimentar a esperança da vitória final da vida sobre todo o poder da morte. O livro de Apocalipse é uma carta de resistência endereçada às comunidades perseguidas pela mão forte do império romano. A carta escondia uma mensagem que animava a manter viva a fé e a esperança em meio a realidades desalentadoras e ameaçadoras. Não é um livro fácil ler. Sua linguagem é estranha e enigmática. É preciso ter a chave certa para acessar os seus misteriosos códigos e sentidos.⁷

Quando o livro de Apocalipse foi escrito, o império romano dominava e controlava as pessoas e dominavam seus corpos. A dominação era política, econômica e religiosa. Para manter a pirâmide do poder dominador, fortaleceu-se o culto ao imperador, que obrigava a todos e todas a adorar o chefe supremo do império. Em todas as cidades do império havia templos para cultuar o imperador. Quem não se submetesse ao regime era denunciado e morto. Na linguagem do Apocalipse, deviam morrer todos os que não tivessem a marca da besta (o nome ou o número da besta) na mão direita ou na testa. Não podiam comprar ou vender, não podiam fazer nada (Ap 13: 1-17). Nesse contexto, a comunidade cristã era encorajada a permanecer testemunhando sua fé e seu compromisso, resistindo ao poder e à dominação imperial. Essa resistência muitas vezes lhes custava a própria vida.⁸

⁷ BOHN GASS, Ildo. Uma introdução à Bíblia: a serviço da leitura libertadora da Bíblia. 8 vols. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: CEBI, 2005, p. 62.

⁸ BERTOLINI, José. *Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar*. São Paulo: Paulus, 2011.

O Apocalipse denuncia a violência do império, sua exploração e o uso que faz da religião para dominar e controlar. Revela que não é possível fazer acordos com a besta (o poder). Não há como conciliar o projeto de Deus com o do dragão. O Apocalipse anuncia o julgamento da história, a destruição total de todo poder do mal e a transformação das estruturas injustas e propõe uma nova sociedade, um novo céu e uma nova terra. Tudo isso em linguagem simbólica e codificada. Podemos dizer que o principal objetivo do Apocalipse foi fortalecer a resistência das comunidades oprimidas contra os valores e ideologia do império.⁹

A leitura que fazemos do Apocalipse a partir de uma perspectiva histórica libertadora ajuda a descobrir uma teologia apocalíptica fortemente política como teologia da história e teologia da esperança. O Apocalipse não é um livro para amedrontar, mas para esperar! Essa esperança vem da fé que resiste. A resistência era a maneira possível que as pequenas comunidades tinham de enfrentar e resistir a ideologia e a violência do império. Em tempos de aguda opressão e perseguição, era necessário usar uma linguagem camuflada que driblasse a vigilância do império. Por isso, o livro parece contar a história de um passado distante e de coisas que não fazem sentido, porém quem estava no contexto, sofrendo opressão e perseguição, encontrava a mensagem dos grupos que, mesmo massacrados pelo poder opressor, se organizavam e se fortaleciam.¹⁰

A palavra *apocalipse* significa “tirar o véu”, revelar, desvelar ou revelação. Mas a revelação da qual trata o Apocalipse não é a das coisas ocultas, que estão para acontecer no futuro. Ao contrário, é a revelação das coisas que estão acontecendo no presente e que estão ocultadas aos olhos da maioria pela ideologia do poder dominante. O gênero literário apocalíptico, ao qual pertence o Apocalipse de João, tem como característica principal o uso da linguagem codificada, assim como nas músicas do período da ditadura militar no Brasil. A comunicação é feita através de uma linguagem simbólica e de códigos que só podem ser compreendidos pelas comunidades e grupos que pertencem à resistência. E mesmo caindo nas mãos do império, dificilmente seria compreendida. O objetivo é desvelar a realidade ocultada pelos poderosos, gerar consciência crítica e esperar para a luta. É texto clandestino, subversivo.¹¹

A apocalíptica é resistência, sobretudo da consciência. Em tempos de injustiças e violências, quando a destruição da vida é intensa, é necessário haver apocalipses, revelação, para perceber onde está Deus, onde está a vida e onde estão o mal e a morte em nossa história. Apocalipse, ou seja, revelação, vai contra o ocultamento. Apocalipse era o contrário de ideologia imperial. O que o império ocultava o apocalipse revelava. Os grupos apocalípticos surgiram como

⁹ GASS, 2005, p. 62.

¹⁰ MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João: a teimosia dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 32.

¹¹ FIORENZA, Elisabeth S. *Apocalipsis: Visión de um mundo justo*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2003, p. 47.

uma nova voz de protesto e de resistência dentro da própria tradição judaica. Surge como resposta à crise de fé desencadeada pela frustração das promessas, pelas frustrações históricas do discurso triunfalista de Israel.¹²

Os grupos apocalípticos surgem quando o povo de Israel se percebe não como um povo a parte ou especial, mas como povo que está totalmente vulnerável às disputas das grandes forças mundiais, o que acontece com a advento dos grandes impérios, como o dos gregos e dos romanos. E como as grandes promessas históricas feitas à Israel não se veem realizadas no presente e o tremendo poder opressor dos impérios se fortalece sem a justiça de Deus, os grupos apocalípticos começam a colocar o peso da sua esperança num futuro salvífico, já desenhado por Deus, mas ainda não realizado na história. É nesse contexto que os textos apocalípticos representam uma releitura das promessas e também uma nova revelação, que tem a ver com o “fim de uma ordem” para o surgimento de “uma nova ordem”. O horizonte utópico da apocalíptica aponta para o surgimento de um novo mundo e de uma nova história, uma nova terra. Apocalíptica é, sobretudo, uma reconstrução do céu, quando a terra parece destruída e ameaçada pela morte. Quando as maiorias pobres e oprimidas são cada vez mais excluídas da possibilidade de vida, faz-se imperioso se reconstruir na consciência o projeto de Deus, esse mistério de Deus oculto aos poderosos, mas revelado aos humildes. (Mt .11:25-26)¹³

Mulheres: descendentes da resistência

*“O dragão irou-se contra a mulher
e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência.”*

(Ap 12:17)

A mulher foge da fúria do dragão. Encontra abrigo no deserto. A terra a protege. Ela recebe asas de águia para resistir. Permanece no deserto enquanto o dragão persegue a sua descendência: todas as mulheres são a descendência perseguida, descendentes da resistência. A narrativa da visão não nos conta o final da história. Existem inúmeras questões não respondidas neste texto e em todo livro de Apocalipse em relação à imagem das mulheres. No entanto, o silêncio do escritor permite que as intérpretes feministas preencham as lacunas com um final mais esperançoso, ou não. Permite leituras subversivas de resistência.

“Os dragões estão soltos” na América Latina, movidos por um “poder bestial” que tenta dominar os corpos resistentes. Nestes tempos, eles têm buscado impor o seu poder e dominação utilizando o discurso religioso como estratégia que vem se mostrando eficaz. Seu poder é mortal. Alimenta-se do sangue dos corpos de mulheres, crianças e tantos outros corpos que resistem,

¹² FIORENZA, 2003, p. 44.

¹³ RICHARD, Pablo. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 6.



mas seu poder, por maior que seja, é fadado ao fracasso. O dragão teme os corpos que se opõem ao seu poder opressor e o enfrentam. As mulheres trazem consigo um projeto alternativo de vida e de sociedade, e estão dispostas a lutar com a própria vida para que esse projeto seja realizado. Essa força ameaça os dragões de ontem e de hoje. É na aparente fragilidade que está escondida a força que pode vencer o mal! Os corpos das mulheres são lugar de resistência. Seus corpos engravidados de esperança são uma ameaça aos “dragões”, por isso somos perseguidas. Mas juntas resistimos e resistiremos. Porque somos todas descendentes da resistência!

Referências

BERTOLINI, José. *Como ler o Apocalipse: resistir e denunciar*. São Paulo: Paulus, 2011.

BOHN GASS, Ildo. *Uma introdução à Bíblia: a serviço da leitura libertadora da Bíblia*. 8 vols. São Paulo: Paulus; São Leopoldo: CEBI, 2005.

FIORENZA, Elisabeth S. *Apocalipsis: Visión de un mundo justo*. Estella, Navarra: Verbo Divino, 2003.

HENRIQUE, Kleber. “A face feminina de Palmares”. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/dandara-a-face-feminina-de-palmares/>>. Acesso em: 14 nov. 2018.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Apocalipse de São João: a teimosia dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. Petrópolis: Vozes, 1996.

[Recebido em: novembro de 2018 /
Aceito em: novembro de 2018]